

ORLANDO CALIMAN



Não conseguimos até agora chegar a um consenso sobre o que nos identifica. Nesse aspecto, o campo está aberto para investigações

Em busca de identidade

O Espírito Santo sempre se defrontou com a dificuldade de firmar-se interna e externamente através de uma identidade clara e com nitidez de simbolismos. Trata-se de um campo fértil para discussões, com a tendência, predominante, de não se poder chegar a um denominador comum. Afinal, o que nos identifica mesmo enquanto Estado membro da nação brasileira? Mas, talvez o caminho mais fácil para desvendarmos essa “dificuldade” recorrente seja perscrutando os elementos e fatos marcantes da sua formação econômica, social e política.

Primeiramente, parece-nos não haver dúvida em relação à constatação de que o nosso legado colonial, frágil e fragmentado, pouco contribuiu para a criação de expressões sólidas nos campos da formação econômica, social, política e cultural. Justificável, principalmente tendo em vista o isolamento, em certo momento compulsório, a que foi submetida a Capitania do Espírito Santo, na sua função de proteção ao ciclo

do ouro mineiro. Mas, além disso, e talvez até em razão disso, a capitania não logrou desenvolver nenhuma atividade econômica capaz de gerar excedente exportável. Situação que perdurou até o surgimento e consolidação da cultura do café, a partir da segunda metade do século XIX.

Ora, se não conseguimos nos vermos totalmente identificados através de elementos construídos no período colonial, o que poderia configurar e representar de forma mais objetiva nossa identidade? Na metade do século XIX a população capixaba era diminuta: 55 mil habitantes, concentrados em poucas comunidades isoladas e situadas no Litoral – Vitória, São Mateus e Itapemirim. Situação que se altera com a cultura do café, e com a migração europeia.

É na cultura do café que vamos encontrar os elementos mais fortes da constituição da nossa identidade, aos quais vão se agregando outros, na medida da diversificação econômica, e da sua modernização, e da maior integração com a economia brasileira e internacional. Fato que nos leva à conclusão de que o Espírito Santo nasce efetivamente já na era moderna. Ou seja, nasce na modernidade e, portanto, é onde devemos buscar os elementos que lhe conferem identidade. A questão é outra se

não conseguimos até agora chegar a um consenso sobre o que realmente nos identifica. Nesse aspecto, o campo está aberto para investigações.

Aliás, essa constatação quem a fez originalmente foi o professor Roberto DaMatta num dos seus vários encontros e palestras no Espírito Santo, respaldado em conhecimentos e análises sobre nossa história mais recente. E nessa perspectiva, a expressão mais sólida dessa modernidade pode ser encontrada na figura de Muniz Freire, governador do Espírito Santo no final do século XIX e início do século XX. O seu projeto de futuro para o Espírito Santo, o primeiro e o que pode ser considerado o mais emblemático da nossa história, foi todo fundamentado

Persistem dificuldades em fazer valer os interesses do Espírito Santo junto ao governo federal. Também Muniz Freire foi veemente na sua missão de encontrar um lugar ao sol na Federação

em princípios, crenças, visões e valores da era da modernidade.

E para mostrar esse lado moderno e até atual de Muniz Freire, foi lançado no Palácio Anchieta, na segunda feira, o livro “Grandes Nomes: Muniz Freire”, num trabalho primoroso do historiador Estilache Ferreira dos Santos, editado pela ONG Espírito Santo em Ação. A sua leitura ajudará a colocar luzes sobre o projeto que pensou um Espírito Santo globalizado, integrado nacional e internacionalmente, e articulado em de seu próprio território. Os leitores terão a oportunidade de verificar também que muitos dos desafios colocados por Muniz Freire ainda perduram, com destaque para aqueles ligados à infraestrutura ferroviária, portuária e rodoviária.

Persistem ainda hoje dificuldades em fazer valer os interesses do Espírito Santo junto ao governo federal. Também Muniz Freire foi veemente na sua missão de encontrar um lugar ao sol no contexto da Federação; e encontrando pouco eco. A mesma batalha enfrentada pelo governador Cristiano Dias Lopes. Precisou radicalizar ao denominar o Espírito Santo como Estado do Nordeste sem Sudene – para defender a necessidade do estado dispor de incentivos fiscais para crescer e desenvolver-se. É uma batalha que continua no presente.

Conheça o novo estacionamento Plus Parking e utilize nosso serviço de traslado até o aeroporto.

Valor para diaristas



R\$ 25,00 (1ª diária)
R\$ 20,00 (2ª diária)
R\$ 15,00 (3ª a 30ª diária)

Valor especial para mensalistas
R\$ 160,00

Estudamos propostas para administração de estacionamentos de terceiros.

Funcionamos 24 horas.

plus parking



Mais que um estacionamento!

Vagas cobertas

Sala de espera com acesso à web

Lava a jato a vapor (não incluso na diária)

plusparking.com.br

27 3065.1011 - 3066.0910

GIRO ECONÔMICO

PESQUISA DO BPT

País na lanterna em retorno de tributo

Entre os 30 países de maior carga tributária do mundo, o Brasil é o que oferece o menor retorno em serviços públicos de qualidade à população, mostra pesquisa divulgada ontem pelo Instituto Brasileiro de Planejamento Tributário (BPT). É a quarta vez seguida que o país aparece no último lugar no ranking que relaciona volume de impostos à qualidade de vida.

Para chegar ao índice de retorno, o IBPT consi-

derou a carga tributária dos países em 2011, de acordo com a Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), e o Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) de 2012, do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (Pnud), que considera nível de educação, renda e expectativa de vida.

Os Estados Unidos aparecem no primeiro lugar como provedor de serviços públicos de qualidade à popu-

lação, como saúde, educação, segurança, transporte e outros. Na sequência, estão Austrália e Coreia do Sul. Em 2011, a Austrália tinha ficado na liderança.

O Brasil permaneceu na 30ª posição do ranking porque terminou 2011 com carga tributária de 36,02% do PIB, e ocupa apenas a posição de número 85 no IDH.

Nas últimas posições do ranking, à frente, aparecem Dinamarca (29ª posição), França (28ª) e Finlândia (27ª). O Brasil continua na retaguarda em termos de qualidade dos serviços públicos, perdendo para os países vizinhos Uruguai (13º) e Argentina (21º).

RESERVATÓRIOS

Conta de luz muda em junho

A Aneel decidiu ontem que o chamado “ano-teste” para as bandeiras tarifárias deverá se iniciar em junho, com o dado da situação do custo de geração de energia em todas as contas de luz. A partir de 1º de ja-

neiro, os consumidores passarão a pagar mais pela energia sempre que o nível dos reservatórios da região estiver abaixo do considerado ideal. Quando entrar, de fato, em vigor, em 2014, as bandeiras significarão um acréscimo na cobrança a cada 100 kWh consumidos.

CUSTOS

Serviço 4G vai começar mais caro

O ministro das Comunicações, Paulo Bernardo, afirmou ontem que os preços dos serviços 4G devem começar mais caros, mas a

expectativa é que podem cair à medida que mais clientes passem a aderir à nova tecnologia. Disse ainda que o 3G deve começar a ter desempenho melhor com a migração de usuários para o 4G.

TAM

Voo mais barato no site em inglês

A TAM vende passagens mais baratas para o mesmo voo em seu site em inglês ou espanhol, que pode ser acessado por brasileiros. A discrepância entre os preços cobrados em dólares e em reais chega a 300% – e o valor em real é sempre mais caro. Também acontece de alguns voos aparecerem como esgotados na versão brasileira, enquanto assentos do mesmo voo continuam sendo vendidos para quem paga em outra moeda. A TAM disse que um erro, já corrigido, causou a “grande diferença nos preços”.